

# O Cavaleiro de Bronze, uma tradução

Sonia Branco Soares<sup>1</sup>

**Resumo:** O poema longo de A. S. Púchkin, *O cavaleiro de bronze*, é uma das obras mais interessantes para os estudos literários russos do ponto de vista da discussão sobre as contradições da modernidade russa. O poeta, ao revelar o seu amor por São Petersburgo, não se furta em atribuir à beleza da capital certo aspecto de miragem, de irrealidade – uma provocação que fará fortuna nas obras vindouras de escritores como N. Gógol, F. Dostoiévski, A. Biéli, entre outros. Pensando em como trabalhar esse texto com alunos recém-iniciantes na língua, em 2015 decidimos oferecer uma tradução para ser lida em voz alta em sala de aula, o que vimos fazendo desde então.

**Palavras-chave:** Púchkin; Ensino de literatura; Tradução.

---

<sup>1</sup> Professora de Literatura Russa da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: sbranco@letras.ufrj.br.

## 1. A História e O cavaleiro de bronze

O ano de 1825 se tornou um marco na história da Rússia com o levante dos dezembristas, um movimento majoritariamente de jovens da alta nobreza da capital, em associação com um grupo de militares sediado na Ucrânia. Em termos gerais, o que unia esses grupos sociais distintos era a antiga reivindicação por uma constituição que limitasse os poderes absolutos do tsar e decretasse o fim da servidão de gleba. Em suas particularidades, cada grupo possuía seu próprio projeto de constituição e seus próprios planos para o Estado russo. No entanto, a violenta repressão impingida pelo recém-empossado tsar Nicolau I ao levante do dia 14 de dezembro de 1825 resultou na execução de vários de seus líderes e na condenação aos trabalhos forçados na Sibéria de 101 presos. Além de deixar rastros traumáticos, o trágico evento postergou por trinta anos a possibilidade de mudanças sociais: a nobreza foi alijada da esfera pública e o governo adotou uma política nacional repressiva e, no âmbito internacional, limitada. O poder absolutista se reafirmava.

Essa era a época em que vivia Aleksándr Serguéevitch Púchkin (1799-1936), um jovem poeta da nobreza que comungava dos ideais de sua geração, e que assistiu de longe à condenação aos trabalhos forçados ou enforcamento de seus amigos. Considerado um jovem rebelde, Púchkin era mantido desde 1820 sob a estreita vigilância do tsar, sendo ora exilado no Cáucaso, ora confinado nas terras de sua família, ora proibido de pisar

nas duas capitais. No dia fatídico de 1825, Púchkin estava em um desses exílios forçados, e, posteriormente, quando indagado pelo próprio tsar o que teria feito se estivesse livre, não hesitou em declarar que haveria de ter participado do motim.

Os censores viviam nos calcanhares de Púchkin até que em 1826 o próprio tsar tornou-se pessoalmente o seu censor. Naquela ocasião, o poeta escrevia sua obra maior, o romance em versos *Evguêni Oniéguin*. Quatro anos mais tarde, talvez calculando os riscos que corria, Púchkin destruiu os manuscritos do décimo capítulo daquela obra, o qual versava sobre o movimento dezembrista. No ano de 1833, Púchkin escreve, entre outros, o *Cavaleiro de Bronze*, um poema que, ao descrever a grande enchente de 1824, trata de forma crítica a fundação da Rússia moderna pelo imperador Pedro I.

A construção de um Estado Moderno Russo em moldes ocidentais se tornaria forte vetor de corrosão das tradições seculares do povo, e a nova capital, São Petersburgo, construída a régua e lápis sobre um pântano, ganharia vulto no imaginário popular como cidade maldita. Esses dois vetores, Modernidade e maldição, foram então apreendidos no poema que, após apresentar as maravilhas da cidade boreal, narra a pequena história de um homem comum que ousa desafiar o poder absoluto do Tsar-Criador. A crítica ao poder imperial, assim percebida por Nicolau I, resultou na proibição de sua publicação.

No entanto, em 1837, após a trágica e controvertida morte do poeta em um

duelo, e diante da grande comoção pública que provocou, o tsar, por alguma razão, não impediu ou não pôde deter a publicação do poema pelo periódico *O contemporâneo* (*Sovremênnik*). Fundado por Púchkin apenas um ano antes, o periódico seria agora encampado por seus amigos e mestres como P. A. Viázemski, V. A. Jukóvski, A. A. Kraiéovski e V. F. Odóievski, que durante todo aquele ano homenagearam o poeta com a publicação dos seus textos. Assim, finalmente o poema “O cavaleiro de Bronze” veio à luz no Tomo 5 vol. 1 de abril de 1837.

A partir de então, coetâneos de Púchkin dedicaram-se a reunir e estudar as suas obras, destacando nelas as inovações que deram estabilidade à poética russa, a redefinição do arcabouço linguístico até então restrito, e a afirmação de um sistema de pés compatível com a língua russa. Além desses elementos, observaram como característica do poeta, a sua busca por harmonia e simplicidade. Com relação à esfera política, verifica-se que o ato de publicação do poema *O cavaleiro de bronze* desafia, até certo ponto, o silenciamento imposto pelo monarca. Ao eleger o pobre funcionário Eugênio como protagonista da sua epopeia urbana, e revelar a impotência do Tsar-Criador frente à natureza de Deus, o poeta põe em questão a própria ideia de Estado Moderno russo, e aponta para a realidade social. A partir daqui o cruzamento entre a ideia imperial de Modernidade e a crença popular da maldição de São Petersburgo se tocam e se instauram enquanto tema literário. Tema este que

será replicado de diversos modos na literatura ao longo dos séculos XIX e XX.

## 2. Da tradução livre

Como foi dito acima, os estudos sobre o romantismo russo ocorrem na fase inicial do curso de russo da UFRJ. Nessa etapa, apresentamos aos alunos poesias de Púchkin e Lérmontov no original e em tradução, posto que a grande maioria deles apenas começa a ter contato com a língua russa. Quando há boas traduções brasileiras, lançamos mão delas. Assim, a tradução que segue abaixo tem como objetivo possibilitar que os alunos, desde o início, tenham um duplo acesso à compreensão do referido poema em sala de aula, e também possam começar a refletir sobre questões de tradução.

Esta tradução foi realizada inicialmente em 2015 e, desde então, o texto vem vivenciando alterações e correções a partir de reflexões resultantes das leituras vocalizadas em sala de aula. As últimas alterações ocorreram já em 2023, a partir de sugestões, e por colaboração das professoras de russo da UFRGS, Denise Sales e Cecília Rosas, que trabalharam esse texto em leituras orais e acolheram ideias dos seus alunos.

A respeito da nossa tradução, importa apresentar alguns critérios que a embasaram. Logo de início, descartamos a versificação e a rima rigorosas do autor, e partimos para uma versificação livre, impulsionada pela sonoridade, ritmo e demais estratégias como o enjambement. Tal decisão também se estende às escolhas lexicais, em que buscamos compensações através do uso de aliterações, ou eventual

contração de ideias em palavras compostas, etc. Dessa forma, tentamos narrar as imagens do poema através dos sentidos, a fim de introduzir o aluno na cena viva. A razão para a nossa recusa à versificação e à rima puchkinianas deve-se ao fato de reconhecermos a nossa incapacidade para recriar o texto original dentro de tais parâmetros. A simplicidade do texto russo não comporta artifícios e

malabarismos linguísticos com objetivos formais. Portanto, podemos considerar que a nossa opção tende a ser, sobretudo, cinemática, visual e auditiva, tendo como objetivo precípua provocar o envolvimento do aluno com o texto. Por fim, essa tradução se dá como um texto aberto a desafiar os alunos a pensar e propor novas soluções.

### O Cavaleiro de Bronze

Aleksánder S. Púchkin

#### Prefácio

Os fatos descritos nesta história são verídicos. Os detalhes da inundação foram tomados de jornais da época. Os curiosos podem consultar as notícias compiladas por V. N. Berkh.

#### Prólogo

Frente a um deserto de ondas,  
Imerso em graves pensamentos,  
Ele olhava ao longe. A seus pés,  
Corria o largo rio e uma velha  
Canoa deslizava solitária.  
Nas margens pantanosas,  
Piscavam isbás enegrecidas,  
Refúgio dos pobres *tchukhontsi*<sup>2</sup>;  
Ao redor, invisível na neblina,  
Sob os raios do pálido sol,  
O bosque sussurrava.

### Медный всадник

Александр С. Пушкин

#### Предисловие

Происшествие, описанное в сей повести, основано на истине. Подробности наводнения заимствованы из тогдашних журналов. Любопытные могут справиться с известием, составленным В. Н. Берхом.

#### Вступление

На берегу пустынных волн  
Стоял он, дум великих полн,  
И вдаль глядел. Пред ним широко  
Река неслася; бедный чёлн  
По ней стремился одиноко.  
По мшистым, топким берегам  
Чернели избы здесь и там,  
Приют убогого чухонца;  
И лес, неведомый лучам  
В тумане спрятанного солнца,  
Кругом шумел.

<sup>2</sup> Refere-se aos pescadores finlandeses, habitantes da região.

Ele assim pensava:

Daqui ameaçaremos os suecos,  
Aqui uma cidade se erguerá  
A desdenhar o ousado vizinho.  
A natureza submeteremos,  
Uma janela para Europa irromperá,  
E junto ao mar, fincaremos os pés.  
Trazidos por novas vagas,  
Pavilhões do mundo inteiro virão  
Conosco festejar.

Cem anos passaram e a jovem cidade,  
Maravilha das terras boreais,  
Do seio das noturnas florestas,  
Surgiu suntuosa, altaneira,  
Onde antes o pescador finlandês,  
Triste rebento da natureza,  
Solitário, junto às margens baixas,  
Lançava em águas desconhecidas  
Sua rede decrépita. Lá, agora, Pelas  
margens agitadas,  
Apinham-se esbeltas construções,  
Torres e palácios. E navios,  
Em multidões, do mundo inteiro,  
Afluem para o rico cais.  
O Nevá vestiu-se em granito,  
Pontes ergueram-se sobre as águas,  
Jardins de folhagens escuras  
Recobriram as ilhotas.  
E eis que face à jovem capital,  
A velha Moscou se apaga  
Como uma viúva purpurada  
Frente à nova tsarina.

Eu te amo, obra de Pedro,  
Amo tua soberba e esbelta aparência,

И думал он:

Отсель грозить мы будем шведу,  
Здесь будет город заложен  
На зло надменному соседу.  
Природой здесь нам суждено  
В Европу прорубить окно,  
Ногою твердой стать при море.  
Сюда по новым им волнам  
Все флаги в гости будут к нам,  
И запируем на просторе.

Прошло сто лет, и юный град,  
Полночных стран краса и диво,  
Из тьмы лесов, из топи блат  
Вознесся пышно, горделиво;  
Где прежде финский рыболов,  
Печальный пасынок природы,  
Один у низких берегов  
Бросал в неведомые воды  
Свой ветхой невод, ныне там  
По оживленным берегам  
Громады стройные теснятся  
Дворцов и башен; корабли  
Толпой со всех концов земли  
К богатым пристаням стремятся;  
В гранит оделася Нева;  
Мосты повисли над водами;  
Темно-зелеными садами  
Ее покрылись острова,  
И перед младшею столицей  
Померкла старая Москва,  
Как перед новою царицей  
Порфиноносная вдова.

Люблю тебя, Петра творенье,  
Люблю твой строгий, стройный  
вид,

E o Nevá, curso majestoso  
 E o granito que o margeia;  
 E tuas grades de ferro fundido,  
 E tuas noites pensativas,  
 A penumbra diáfana, o brilho sem lua,

Quando em meu quarto  
 Escrevo e leio sem velas;  
 Amo as massas claras e dormentes  
 Das tuas ruas desertas, e a flecha  
 Iluminada do Almirantado;  
 E, sem que a sombra noturna  
 Esmoreça o dourado dos céus,  
 Ao crepúsculo sucede a aurora,  
 Apressada, dá meia-hora à escuridão.

Amo teu inverno cruel,  
 O ar imóvel e o frio-gelo,  
 A corrida de trenó no largo Nevá,  
 A face rosa-brilho das moças,  
 O fulgor e o ruído e a prosa dos bailes;  
 E na hora da farra de solteiro,  
 O cicio das taças espumantes,  
 E a chama azul do ponche.  
 Amo o ânimo belicoso  
 Dos campos de Marte, divertidos,  
 Os artilheiros e os cavaleiros,  
 A beleza monótona e a ordem  
 Instável de sua formação,  
 Os retalhos das bandeiras triunfantes,  
 O resplendor dos chapéus de cobre,  
 Marcados por tiros de combate.  
 Amo a capital guerreira,  
 Teu surdo trovão e fumaça,  
 Assim que a tsarina cheia  
 Dá um filho à casa real;  
 E a vitória sobre o inimigo,  
 Que toda Rússia comemora;  
 E o romper do gelo azul,

Невы державное течение,  
 Береговой ее гранит,  
 Твоих оград узор чугунный,  
 Твоих задумчивых ночей  
 Прозрачный сумрак, блеск  
 безлунный,  
 Когда я в комнате моей  
 Пишу, читаю без лампы,  
 И ясны спящие громады  
 Пустынных улиц, и светла  
 Адмиралтейская игла,  
 И, не пуская тьму ночную  
 На золотые небеса,  
 Одна заря сменить другую  
 Спешит, дав ночи полчаса.

Люблю зимы твоей жестокой  
 Недвижный воздух и мороз,  
 Бег санок вдоль Невы широкой,  
 Девичьи лица ярче роз,  
 И блеск, и шум, и говор балов,  
 А в час пирушки холостой  
 Шипенье пенистых бокалов  
 И пунша пламень голубой.  
 Люблю воинственную живость  
 Потешных Марсовых полей,  
 Пехотных ратей и коней  
 Однообразную красоту,  
 В их стройно зыблемом строю  
 Лоскутья сих знамен победных,  
 Сиянье шапок этих медных,  
 На сквозь простреленных в бою.  
 Люблю, военная столица,  
 Твоей твердыни дым и гром,  
 Когда полнощная царица  
 Дарует сына в царской дом,  
 Или победу над врагом  
 Россия снова торжествует,  
 Или, взломав свой синий лед,

Que o Nevá porta ao mar  
Previendo, jubiloso, a primavera se  
aproximar

Resplandeça, cidade de Pedro,  
Seja inflexível como a Rússia,  
E terminarão por se apaziguar  
Os elementos que tu conquistaste;  
Que as vagas da Finlândia esqueçam  
A inimizade e o seu antigo cativo,  
E com sua raiva vã, não perturbem  
O sono eterno de Pedro!  
Foi um tempo terrível,  
A lembrança inda está fresca...  
Sobre ele, meus amigos,  
Começo aqui minha narrativa,  
Bem triste será meu relato...

### 1ª Parte

Sobre a Petrogrado sombria  
Novembro soprava o frio outonal.  
Detidas por muros imponentes,  
As ondas valsavam ruidosas  
E o Nevá, tal um doente  
Em delírio investia sobre o leito.  
Era tarde, noite escura,  
A chuva em fúria batia à janela,  
O vento soprava triste uivo.  
Nesta hora, de uma visita,  
O jovem Eugênio chegava em casa...  
Nosso herói, por esse nome  
Doravante designaremos;  
Soa bem e vocês sabem  
Que à minha pena é familiar.  
Sobrenome, não é necessário,  
Embora num tempo passado  
Tenha talvez brilhado  
Sob a pena de Karamzin  
E alcançado até certo eco;

Нева к морям его несет  
И, чуя вешни дни, ликует.

Красуйся, град Петров, и стой  
Неколебимо как Россия,  
Да умирится же с тобой  
И побежденная стихия;  
Вражду и плен старинный свой  
Пусть волны финские забудут  
И тщетной злобою не будут  
Тревожить вечный сон Петра!  
Была ужасная пора,  
Об ней свежо воспоминанье...  
Об ней, друзья мои, для вас  
Начну свое повествованье.  
Печален будет мой рассказ.

### Часть первая

Над омраченным Петроградом  
Дышал ноябрь осенним хладом.  
Плеская шумною волной  
В края своей ограды стройной,  
Нева металась, как больной  
В своей постеле беспокойной.  
Уж было поздно и темно;  
Сердито бился дождь в окно,  
И ветер дул, печально воя.  
В то время из гостей домой  
Пришел Евгений молодой...  
Мы будем нашего героя  
Звать этим именем. Оно  
Звучит приятно; с ним давно  
Мое перо к тому же дружно.  
Прозванья нам его не нужно,  
Хотя в минувши времена  
Оно, быть может, и блистало  
И под пером Карамзина  
В родных преданьях прозвучало;

Mas hoje, em salões e boatos,  
Foi já esquecido. O nosso herói  
Vive em Kolomna; trabalha  
Nalgum departamento, sem  
Importar-lhe a celebridade,  
Nem a história de outro tempo.

Assim, Eugênio, já em casa  
tirou o capote e se deitou.  
Mas o sono não lhe vinha,  
Agitavam os pensamentos.  
No que pensava? Nisso:  
Que era pobre e com esforço  
Devia alcançar para si  
Independência e honra;  
Que Deus podia lhe acrescentar  
Algum espírito e dinheiro.  
Que existem felizardos  
Nada astutos, até preguiçosos  
A quem a vida era tão leve!  
Que ele trabalha faz só dois anos.  
Também pensava que o mau tempo  
Estava longe de se acalmar;  
Que o rio enchia e... quem sabe,  
Nem pontes houvesse mais...  
De um golpe assim, por dois-três dias,  
A sua Paracha já não veria.  
Eugênio aqui suspirou sincero,  
E como poeta se perguntou:

"Casar-me eu? E por que não?  
Certo, é uma grave decisão.  
Mas o que tem? Jovem e saudável,  
Noite e dia vou trabalhar.  
E com o tempo posso criar  
Um lar simples, de bom quilate  
E satisfazer minha Paracha.  
Após um ano, talvez dois,  
Terei um ofício, e Paracha  
Cuidará do nosso lar,

Но ныне светом и молвой  
Оно забыто. Наш герой  
Живет в Коломне; где-то служит,  
Дичится знатных и не тужит  
Ни о почиющей родне,  
Ни о забытой старине.

Итак, домой пришед, Евгений  
Стряхнул шинель, разделся, лег.  
Но долго он заснуть не мог  
В волнение разных размышлений.  
О чем же думал он? о том,  
Что был он беден, что трудом  
Он должен был себе доставить  
И независимость и честь;  
Что мог бы бог ему прибавить  
Ума и денег. Что ведь есть  
Такие праздные счастливыцы,  
Ума недалекого, ленивыцы,  
Которым жизнь куда легка!  
Что служит он всего два года;  
Он также думал, что погода  
Не унималась; что река  
Все прибывала; что едва ли  
С Невы мостов уже не сняли  
И что с Парашей будет он  
Дни на два, на три разлучен.  
Евгений тут вздохнул сердечно  
И размечтался, как поэт:

"Жениться? Мне? зачем же нет?  
Оно и тяжело, конечно;  
Но что ж, я молод и здоров,  
Трудиться день и ночь готов;  
Уж кое-как себе устрою  
Приют смиренный и простой  
И в нем Парашу успокою.  
Пройдет, быть может, год-другой -  
Местечко получу, Параше  
Препоручу семейство наше

Da educação dos pequeninos...  
 Caminharemos de mãos dadas  
 E assim a vida passaremos  
 E nossos netos nos enterrarão”.

Assim pensava.  
 Lúgubre a noite lhe parecia.  
 Desejava que o vento  
 Cessasse seu uivo tremendo,  
 E que a chuva não batesse  
 Tão furiosa à janela...  
 Os olhos cansados  
 Por fim fechou. E eis que  
 A noite se retirava, lodosa,  
 E um dia pálido se insinuava...  
 Dia hediondo!  
 Por toda a noite o Nevá investiu,  
 Buscando o mar. Em vão!  
 Ao vento desencadeado,  
 Ele teve, amargo, de se abandonar...  
 Na aurora, atropelou as margens  
 Em loucura ávida de sensações,  
 Arrebatado por brumas, espumas  
 As ondas em revolução...

Impelido pelo vento do golfo,  
 O Nevá, aprisionado,  
 Dobrou-se, furioso, louco,  
 E sobre as ilhas rebentou.  
 O furacão ganhou em raiva  
 O Nevá rugiu e inchou  
 Tal panela fumegante,  
 Transbordante, ele saltou,  
 Caindo fundo sobre a cidade  
 Como uma besta. Tudo sumiu  
 Refluiu. As águas, súbito,  
 Volveram ao leito, suspirosas.  
 Junto às grades, ferviam os canais;  
 Tal um Tritão, Pedro flutuava,  
 A meio corpo, mergulhado.

И воспитание ребят...  
 И станем жить, и так до гроба  
 Рука с рукой дойдем мы оба,  
 И внуки нас похоронят...”

Так он мечтал.  
 И грустно было  
 Ему в ту ночь, и он желал,  
 Чтоб ветер выл не так уныло  
 И чтобы дождь в окно стучал  
 Не так сердито...

Сонны очи  
 Он наконец закрыл. И вот  
 Редает мгла ненастной ночи  
 И бледный день уж настает...  
 Ужасный день!  
 Нева всю ночь  
 Рвалася к морю против бури,  
 Не одолев их буйной дури...  
 И спорить стало ей невмочь...  
 Поутру над ее берегами  
 Теснился кучами народ,  
 Любуясь брызгами, горами  
 И пеной разъяренных вод.

Но силой ветров от залива  
 Перегражденная Нева  
 Обратно шла, гневна, бурлива,  
 И затопляла острова,  
 Погода пуще свирепела,  
 Нева вздувалась и ревела,  
 Котлом клокоча и клубясь,  
 И вдруг, как зверь остервенясь,  
 На город кинулась. Пред нею  
 Все побежало, все вокруг  
 Вдруг опустело - воды вдруг  
 Втекли в подземные подвалы,  
 К решеткам хлынули каналы,  
 И всплыл Петрополь как тритон,  
 По пояс в воду погружен.

Alerta! Assalto! Ondas rapaces  
 Trepam às janelas. Desabaladas, canoas  
 batem as popas em vidraças.  
 Balcões cobertos encharcados,  
 Restos de choças, troncos, telhas,  
 Mercadorias de estoques, entrepostos,  
 Trastes em pálida miséria,  
 Pontes varridas pela tormenta,  
 Caixões de um cemitério destruído  
 Navegam pelas ruas!  
 Surpreso pela ira divina,  
 O povo espera o castigo:  
 Tudo perece, a casa e o pão!  
 Onde se abrigar?

Naquele ano terrível  
 Reinava ainda em toda a glória  
 O tsar defunto<sup>3</sup>. No balcão,  
 Triste e confuso, murmurou:  
 “Em projetos divinos, os tsares  
 não podem ter razão”. E lá,  
 Sentado, ar abatido,  
 Contemplava a inundação.  
 As praças formavam estuários,  
 Até elas, desciam como rios  
 As ruas em declive. O palácio  
 Surgia qual ilha desolada.  
 Por fim, o tsar se decidiu.  
 Nas ruas próximas e longínquas,  
 Enfrentando a violência das águas,  
 Lançaram-se os seus generais  
 Para salvar de afogamento certo  
 Os habitantes assustados.

Num recanto da praça de Pedro,

Oсада! приступ! злые волны,  
 Как воры, лезут в окна. Челны  
 С разбега стекла бьют кормой.  
 Лотки под мокрой пеленой,  
 Обломки хижин, бревны, кровли,  
 Товар запасливой торговли,  
 Пожитки бледной нищеты,  
 Грозой снесенные мосты,  
 Гроба с размытого кладбища  
 Пльвуют по улицам!  
 Народ  
 Зрит божий гнев и казни ждет.  
 Увы! все гибнет: кров и пища!  
 Где будет взять?

В тот грозный год  
 Покойный царь еще Россией  
 Со славой правил. На балкон,  
 Печален, смутен, вышел он  
 И молвил: "С божией стихией  
 Царям не совладеть". Он сел  
 И в думе скорбными очами  
 На злое бедствие глядел.  
 Стояли стогны озерами,  
 И в них широкими реками  
 Вливались улицы. Дворец  
 Казался островом печальным.  
 Царь молвил - из конца в конец,  
 По ближним улицам и дальным  
 В опасный путь средь бурных вод  
 Его пустились генералы  
 Спасать и страхом обуялый  
 И дома тонущий народ.

Тогда, на площади Петровой,

<sup>3</sup> Refere-se a o tsar Alexandre I, que reinava na época em que ocorreu a inundação (1824), já falecido na ocasião em que Púchkin redigia o poema (1833).

Uma nova casa fora erguida.  
 Na entrada, montam guarda,  
 Dois leões de mármore quase reais,  
 Com patas para cima, em sentinela.  
 Sobre o bicho, escarranchado,  
 Cabeça nua, lívido, braços cruzados,  
 Eugênio sentado, congelava.  
 Se inquietava, o infelizmente,  
 Nem tanto por si, ele nem sentia  
 A chuva que o esbofeteava,  
 Nem o vento, que em fúria,  
 Arrancara-lhe o chapéu.  
 Não sentia subir a onda  
 Voraz, lambendo a sola do calçado;  
 O seu olhar desamparado  
 A certa margem se dirigia.  
 Ao longe, altas como montanhas  
 Surgidas das terras exasperadas,  
 As ondas raivosas se agitavam.  
 Ao longe: a tempestade encarniçada,  
 E os restos que o mar rejeitou  
 Balouçavam... Meu Deus, lá longe...  
 Lá! Lá! Bem perto das ondas  
 Lá, onde começa o estuário,  
 Há uma pobre barreira,  
 Um salgueiro, uma cabana arruinada.  
 Lá vive uma viúva e sua filha,  
 A sua Paracha, sua bem amada.  
 Não será tudo um sonho mau?  
 Ou será a vida sonho vazio,  
 Uma farsa que o céu nos faz?  
 E ele, como que enfeitado,  
 Como se ao mármore estivesse selado,  
 Não pode descer: em redor há água  
 E depois... depois, nada!  
 Mas lá, às suas costas,  
 A uma altura vertiginosa,  
 Dominando o Nevá encapelado,  
 Sobre o cavalo de bronze empinado  
 Ergue-se o ídolo, a destra apontada.

Где дом в углу вознесся новый,  
 Где над возвышенным крыльцом  
 С поднятой лапой, как живые,  
 Стоят два льва сторожевые,  
 На звере мраморном верхом,  
 Без шляпы, руки сжав крестом,  
 Сидел недвижимый, страшно  
 бледный  
 Евгений. Он страшился, бедный,  
 Не за себя. Он не слышал,  
 Как подымался жадный вал,  
 Ему подошвы подмывая,  
 Как дождь ему в лицо хлестал,  
 Как ветер, буйно завывая,  
 С него и шляпу вдруг сорвал.  
 Его отчаянные взоры  
 На край один наведены  
 Недвижно были. Словно горы,  
 Из возмущенной глубины  
 Вставали волны там и злились,  
 Там буря выла, там носились  
 Обломки... Боже, боже! там -  
 Увы! близехонько к волнам,  
 Почти у самого залива -  
 Забор некрашенный, да ива  
 И ветхий домик: там оне,  
 Вдова и дочь, его Параша,  
 Его мечта... Или во сне  
 Он это видит? иль вся наша  
 И жизнь ничто, как сон пустой,  
 Насмешка неба над землей?  
 И он, как будто околдован,  
 Как будто к мрамору прикован,  
 Сойти не может! Вкруг него  
 Вода и больше ничего!  
 И, обращен к нему спиной,  
 В неколебимой вышине,  
 Над возмущенною Невою  
 Стоит с простертою рукою  
 Кумир на бронзовом коне.

**2ª Parte**

E eis que ao fim do saque,  
 Das orgias fatigado,  
 O Nevá tornou ao leito  
 Satisfeito com sua obra,  
 Deixando para trás o butim.  
 É assim que o salteador,  
 Com sua matilha de bandidos,  
 Tendo investido contra a cidade,  
 Degola e se farta com a pilhagem.  
 Violência, injúria, gritos e aflição.  
 Depois, com o butim atravancado,  
 Temendo a lei e saciado,  
 O salteador foge pela estrada  
 Polvilhando o caminho com rastros.

A água refluiu, a calçada  
 Enfim se abriu e meu Eugênio  
 Se apressa, a alma atormentada  
 De medo, esperança desorientada,  
 Corre às margens inda jubilosas.  
 As ondas perversas, pela vitória  
 Excitadas, fervilhavam  
 Como se chamam subjacentes  
 Sob a espuma se formassem.  
 Ruidoso, arquejava o Nevá,  
 Cavalo exausto do combate.  
 Eugênio olha, vê um bote,  
 Nele se joga de assalto,  
 Grita, chama o barqueiro;  
 Este, ocioso nessa hora,  
 Sobre as ondas maldosas,  
 Por três moedas o transporta.

Contra a vagas tempestuosas,  
 O experto remador luta bom tempo,  
 Desaparece nas sequências ocas,

**Вторая часть**

Но вот, насытись разрушением  
 И наглым буйством утомясь,  
 Нева обратно повлеклась,  
 Своим любуясь возмущеньем  
 И покидая с небреженьем  
 Свою добычу. Так злодей,  
 С свирепой шайкою своей  
 В село ворвавшись, ломит, режет,  
 Крушит и грабит; вопли, скрежет,  
 Насилье, брань, тревога, вой!..  
 И, грабежом отягощенны,  
 Боясь погони, утомленны,  
 Спешат разбойники домой,  
 Добычу на пути роняя.

Вода сбыла, и мостовая  
 Открылась, и Евгений мой  
 Спешит, душою замирая,  
 В надежде, страхе и тоске  
 К едва смирившейся реке.  
 Но, торжеством победы полны,  
 Еще кипели злобно волны,  
 Как бы под ними тлел огонь,  
 Еще их пена покрывала,  
 И тяжело Нева дышала,  
 Как с битвы прибежавший конь.  
 Евгений смотрит: видит лодку;  
 Он к ней бежит как на находку;  
 Он перевозчика зовет -  
 И перевозчик беззаботный  
 Его за гривенник охотно  
 Через волны страшные везет.

И долго с бурными волнами  
 Боролся опытный гребец,  
 И скрыться вглубь меж их рядами

Prontas a engolir a todo instante  
Os corpos dos remadores temerários.  
Enfim, a outra margem!

Всечасно с дерзкими пловцами  
Готов был челн - и наконец  
Достиг он берега.

O infeliz  
Corre pelas ruas conhecidas  
Por lugares que sabia,  
Olha, não os reconhece mais:  
À sua frente, tudo arruinado,  
Aqui largado, ali destruído,  
Casinhas todas rompidas,  
Tetos destelhados, muros desabados  
Ou pelas ondas carregados.  
Jogados sem vida, corpos esparsos  
Juncam a paisagem desvairada.  
Como uma flecha, Eugênio se lança  
Perdido, alquebrado pela dor,  
Corre para onde o espera o destino,  
Carta em branco carimbada  
Com o devido selo da circunstância.  
Mais rápido! Já está perto,  
Eis a baía, a casa é ali...  
Mas, o quê?  
Onde está? Nada vê.  
Faz meia-volta, hesita, volta,  
Olha de novo... Olha mais:  
Estaria a casa mesmo aqui?  
Eis o salgueiro! Mas e o portão?  
Flutua lá longe... Mas e a casa?  
E tomado por pensamentos funestos,  
Vai e vem, vira e volta,  
Pensa, discute e... pois, de chofre,  
Batendo na frente com a mão,  
Estoura de rir.

Несчастный  
Знакомой улицей бежит  
В места знакомые. Глядит,  
Узнать не может. Вид ужасный!  
Все перед ним завалено;  
Что сброшено, что снесено;  
Скривились домики, другие  
Совсем обрушились, иные  
Волнами сдвинуты; кругом,  
Как будто в поле боевом,  
Тела валяются. Евгений  
Стремглав, не помня ничего,  
Изнемогая от мучений,  
Бежит туда, где ждет его  
Судьба с неведомым известьем,  
Как с запечатанным письмом.  
И вот бежит уж он предместьем,  
И вот залив, и близок дом...  
Что ж это?..  
Он остановился.  
Пошел назад и воротился.  
Глядит... идет... еще глядит.  
Вот место, где их дом стоит;  
Вот ива. Были здесь ворота -  
Снесло их, видно. Где же дом?  
И, полон сумрачной заботы,  
Все ходит, ходит он кругом,  
Толкует громко сам с собою -  
И вдруг, ударя в лоб рукою,  
Захохотал.

A noite cai  
Sobre a cidade palpitante.

Ночная мгла  
На город трепетный сошла;

Por longo tempo ninguém dormiu,  
 Agrupando-se para distrair  
 Do dia que passou.  
 O clarão da alvorada  
 Pelas nuvens pálidas e fatigadas,  
 Se anuncia à capital silenciosa.  
 Mas do drama da véspera,  
 Já não se vê mais nada:  
 O mal em púrpura transmutara  
 E tudo volvia ao estado dantes.  
 Nas ruas já liberadas, o povo  
 Vagava em sua insensível frieza.  
 Essa gente, os funcionários,  
 Seguiam dos abrigos noturnos  
 Às repartições. O comerciante,  
 Confiante, sem desanimar,  
 Abria o porão pilhado,  
 Pois contar o dano é essencial  
 Para vingar-se em seu próximo.  
 Dos pátios resgatavam-se barcos.  
 E o barão Khvostóv,  
 Poeta bem-amado dos céus,  
 Já cantava em versos imortais  
 O drama das margens do Nevá.

Mas... e meu pobre, pobre Eugênio?  
 Pois bem! Com o espírito alquebrado  
 Pelo horror e pela dor  
 Soçobrou. O Nevá e o vento  
 Ribombavam furiosos em seus  
 ouvidos. Com atrozes pensamentos  
 Vagava, cativo do silêncio.  
 Uma espécie de sonho o perseguia.  
 Passou uma semana, um mês e ele  
 Não mais regressou ao lar.  
 Uma vez o prazo expirado,  
 Seu triste quarto abandonado  
 Foi alugado a um pobre poeta.  
 Eugênio não foi buscar seus bens  
 E para os passantes se tornou

Но долго жители не спали  
 И меж собою толковали  
 О дне минувшем.  
 Утра луч  
 Из-за усталых, бледных туч  
 Блеснул над тихою столицей  
 И не нашел уже следов  
 Беды вчерашней; багряницей  
 Уже прикрыто было зло.  
 В порядок прежний все вошло.  
 Уже по улицам свободным  
 С своим бесчувствием холодным  
 Ходил народ. Чиновный люд,  
 Покинув свой ночной приют,  
 На службу шел. Торгаш отважный,  
 Не унывая, открывал  
 Невой ограбленный подвал,  
 Сбираясь свой убыток важный  
 На ближнем выместить. С дворов  
 Свозили лодки.  
 Граф Хвостов,  
 Поэт, любимый небесами,  
 Уж пел бессмертными стихами  
 Несчастье невских берегов.

Но бедный, бедный мой Евгений ...  
 Увы! его смятенный ум  
 Против ужасных потрясений  
 Не устоял. Мятёжный шум  
 Невы и ветров раздавался  
 В его ушах. Ужасных дум  
 Безмолвно полон, он скитался.  
 Его терзал какой-то сон.  
 Прошла неделя, месяц - он  
 К себе домой не возвращался.  
 Его пустынный уголок  
 Отдал внаймы, как вышел срок,  
 Хозяин бедному поэту.  
 Евгений за своим добром  
 Не приходил. Он скоро свету

Coisa estranha: de dia errante,

Dormia no porto; comia dejetos  
atirados de alguma janela;

As roupas rasgadas caíam

Aos farrapos, e os guris

Lançavam pedras em seu caminho.

Por vezes o chicote de algum cocheiro

Vinha cingi-lo com raiva

Pois, ao se extraviar titubeante,

Atrapalhava a passagem.

Mas ele, ausente, nada sentia.

Vivia como ensurdecido

Com um tumulto na cabeça.

Assim ele atravessou o seu século,

Vegetou, nem homem nem besta,

Nem espectro morto...

Junto ao Nevá

Jazia ele adormecido.

O verão cedia ao outono.

O vento soprava, frio, monótono;

Uma onda sombria com sua espuma

Batia nas margens lisas do cais,

Tal um pedinte frustrado

À porta fechada do juiz.

Acordou. Tudo estava escuro:

A chuva caía, o vento silvava,

Como um eco, vinha até ele

O apito do guarda noturno...

Eugênio sobressalta e lembra

Do horror sempre vivaz.

Levanta súbito, vem e vai

Pára, olha e retraça

Lentamente o lugar.

O medo pinta o seu rosto:

Ele vê. Será a mesma paisagem?

Uma casa grande. Na entrada,

De patas levantadas, quase reais,

Dois leões em sentinela,

Stal chuzhd. Ves' den' brodil  
peshkom,

A spal na pristani; pitalsya  
V okoшко podannym kuskom.

Odezhda vetshaya na nem

Rvalas' i tlela. Zlye deti

Brosali kamni vsled emu.

Neredko kucherskiye pleti

Ego stegali, potomu

Chto on ne razbiral dorogi

Uzh nikogda; kazalos' - on

Ne primечal. On ogлушен

Byl шумом vnutrenney trevoги.

I tak on svoj neschastnyy vek

Vlachil, ni zver' ni chelovek,

Ni to ni se, ni zhitel' sveta,

Ni prizrak mertvyй...

Raz on spal

U nevskoy pristani. Dni leta

Klonilis' k oseni. Dyshal

Nenastnyy veter. Mrachnyy val

Pleskal na pristan', ropsha peni

I byas' ob gladkiye stupeni,

Kak chelobitчик u dverey

Emu ne vnemlyuchiyh sudей.

Bednyak prosnul'sya. Mрачно bylo:

Dozhd' kapal, veter byl unylo,

I s nim vдали, vo t'me nochnoy

Pereklikaлся часовоу...

Vskochil Evgeniy; vspomnil živo

On proshlyy ужас; toropливо

On vstal; poшел brodit', i vdруг

Ostanovilsya - i vokrug

Tikhonyko stal vodit' очами

S boznyu dikoу na liсе.

On ochutilsya pod stolbami

Bol'shogo doma. Na krylytse

S pod'yatoy lapoy, kak живые,

Stoyali l'vy storozhevые,

E lá, em alturas obscuras,  
Sobre uma rocha cercada,  
O ídolo, a destra apontada,  
Monta um cavalo de bronze.

Eugênio tremeu e o pensamento  
Tornou-se claro, reconheceu  
O local onde as águas rebentaram,  
Onde as vagas furiosas  
Faziam roda, loucas à sua volta.  
E os leões e a praça e aquele  
Que impávido, na noite,  
Se elevava altivo, cabeça em bronze;  
Aquele que por sua única vontade  
Plantou sobre o mar esta cidade.  
Como ele é terrível nessa bruma!  
Quantas ideias nesse seu rosto!  
Que poder atrás de sua fronte!  
E no corcel, qual fogo selvagem!  
Para onde galopas, orgulhoso corcel?  
Onde enterras os teus cascos?  
Oh, potente mestre do destino!  
Não foste tu que sobre o abismo  
Nas alturas, com redeas de ferro,  
Fizeste a Rússia empinar?

Em torno ao pedestal do ídolo,  
O pobre louco deambulava  
E com olhos desvairados fixava  
O potentado do hemisfério.  
Com garganta e peito serrados.  
A fronte contra a fria cerca,  
Tudo nele enevoava,  
Uma chama cortava o coração.  
Negro de cólera e terror,  
Ao pé da orgulhosa deidade,  
Crispando os dedos, trincando os  
dentes,  
Como emudecido por um desejo  
demente,

И прямо в темной вышине  
Над огражденною скалою  
Кумир с простертою рукою  
Сидел на бронзовом коне.

Евгений вздрогнул. Прояснились  
В нем страшно мысли. Он узнал  
И место, где потоп играл,  
Где волны хищные толпились,  
Бунтуя злобно вокруг него,  
И львов, и площадь, и того,  
Кто неподвижно возвышался  
Во мраке медною главой,  
Того, чьей волей роковой  
Под морем город основался...  
Ужасен он в окрестной мгле!  
Какая дума на челе!  
Какая сила в нем сокрыта!  
А в сем коне какой огонь!  
Куда ты скачешь, гордый конь,  
И где опустишь ты копыта?  
О мощный властелин судьбы!  
Не так ли ты над самой бездной  
На высоте, уздой железной  
Россию поднял на дыбы?

Кругом подножия кумира  
Безумец бедный обошел  
И взоры дикие навел  
На лик державца полумира.  
Стеснилась грудь его. Чело  
К решетке хладной прилегло,  
Глаза подернулись туманом,  
По сердцу пламень пробежал,  
Вскипела кровь. Он мрачен стал  
Пред горделивым истуканом  
И, зубы стиснув, пальцы сжав,  
Как обуянный силой черной,

“Salve, construtor de miragens! –  
 Murmurou, tremendo de raiva –  
 Má sorte para ti!”. E, de repente,  
 Escapului feito uma lebre.  
 Pareceu-lhe por um instante  
 Que o rosto do tsar rosnava  
 Incendiado de divina cólera,  
 E para ele, lento se voltava...  
 Só, sobre o adro deserto,  
 Ele foge e atrás escuta  
 Semelhante a trovões, em saltos,  
 Um ruído de cascos a abalar  
 Os seixos em louca corrida.  
 Puminado pela lua pálida,  
 O braço estendido nas alturas,  
 Sobre ele, o Cavaleiro de Bronze  
 Lança-se a galope em seu corcel.  
 Na noite longa, o desgraçado,  
 Onde quer que fosse para escapar,  
 Sentia o Cavaleiro de Bronze  
 Que em pesado trote o perseguia.

Depois desse tempo, quando  
 Se extraviava até essa praça,  
 Lia-se em seu rosto o terror.  
 Para aplacar a angústia  
 Que dominava o coração,  
 Apertava forte as mãos  
 Retirava o velho boné e,  
 Confuso, de olhos baixos,  
 Ia-se embora.

Vê-se uma pequena ilha  
 Na costeira. Por vezes  
 Atraca lá com sua rede  
 Um pescador tardio,  
 E prepara o seu magro jantar.  
 Ou algum funcionário num domingo,  
 Ao passear, dá com os costados  
 Na ilha deserta. Lá, nunca mais

"Добро, строитель чудотворный! -  
 Шепнул он, злобно задрожав, -  
 Ужо тебе!.." И вдруг стремглав  
 Бежать пустился. Показалось  
 Ему, что грозного царя,  
 Мгновенно гневом возгоря,  
 Лицо тихонько обращалось...

И он по площади пустой  
 Бежит и слышит за собой -  
 Как будто грома грохотанье -  
 Тяжело-звонкое скаканье  
 По потрясенной мостовой.  
 И, озарен луною бледной,  
 Простерши руку в вышине,  
 За ним несется Всадник Медный  
 На звонко-скачущем коне;  
 И во всю ночь безумец бедный,  
 Куда стопы ни обращал,  
 За ним повсюду Всадник Медный  
 С тяжелым топотом скакал.

И с той поры, когда случалось  
 Идти той площадью ему,  
 В его лице изображалось  
 Смятение. К сердцу своему  
 Он прижимал поспешно руку,  
 Как бы его смиряя муку,  
 Каргуз изношенный сымал,  
 Смущенных глаз не подымал  
 И шел сторонкой.

Остров малый  
 На взморье виден. Иногда  
 Причалит с неводом туда  
 Рыбак на ловле запоздалый  
 И бедный ужин свой варит,  
 Или чиновник посетит,  
 Гуляя в лодке в воскресенье,  
 Пустынный остров. Не взросло

cresceu galhinho de erva.  
 E a inundaç o, por galhardia, inda  
 Arrastou uma casinha. Sobre a  gua,  
 Ela repousa como negro arbusto.  
 Na  ltima primavera,  
 Uma balsa a puxou. Estava vazia,  
 arruinada. Na entrada,  
 Acharam meu pobre insensato,  
 E seu corpo frio, nesse mesmo lugar,  
 desceram   terra, com a graça de Deus.

Boldino 1833

Там ни былинки. Наводнение  
 Туда, играя, занесло  
 Домишко ветхой. Над водою  
 Остался он как черный куст.  
 Его прошедшею весною  
 Свезли на барке. Был он пуст  
 И весь разрушен. У порога  
 Нашли безумца моего,  
 И тут же хладный труп его  
 Похоронили ради бога.

Болдино 1833

## Bibliografia

BERMAN, M. **Tudo o que   s lido desmancha no ar**. Trad. Carlos F. Mois s et al. S o Paulo: Companhia das Letras, 1987.

P CHKIN, A. S. **Evgui ni Oni guin**: Romance em versos. Apresenta o, Notas, Tradu o de Rubens Figueiredo. S o Paulo: Companhia das Letras, 2023.

**Abstract:** A. S. Pushkin's long poem, *The Bronze Horseman*, is one of the most fascinating works for Russian literary studies from the point of view of discussing the contradictions of Russian modernity. When revealing his love for Saint Petersburg, the poet does not relinquish to attribute to the beauty of the capital a particular aspect of mirage, of unreality. This provocation will make a fortune in the future works of writers such as N. Gogol, F. Dostoevsky, and A. Bi li, among others. Pondering about how best to introduce beginners to Russian culture and language, we chose, in 2015, to offer a translation of this masterpiece to be read aloud in the

P CHKIN, A. S. **Медный Всадник**. Dispon vel em: <https://ilibrary.ru/text/451/index.html>. Acesso em: 05/10/2023

RICOEUR, P. **Sobre a tradu o**. Trad. Patr cia Lavelle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SCHNAIDERMAN, B. **Tradu o, ato desmedido**. S o Paulo: Perspectiva, 2011.

*classroom, a practice which we have continued ever since.*

**Keywords:** Pushkin; Teaching literature; Translation.